



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

UM CERTO ESTATUTO

Decorreram na nossa terra e em todo o mundo cristão as festas natalícias, ou melhor, as Boas Festas que incluem o Natal, a passagem do ano e o dia dos Reis. É uma quadra especialmente festiva que tem como centro das comemorações a família. É certo que se comemora o nascimento do Deus Menino, que se rememora o aparecimento em Belém dos três reis magos e que se festeja o aparecimento de um outro ano, mas, como acima se diz, é a família a principal e primacial entidade festejada. Daí o retorno dos vários familiares à casa mãe, tendo alguns, para isso, de percorrer centenas ou milhares de quilómetros.

Digamos que a vida nesses dias pára nas suas preocupações mais profundas, embora os dias que precedem quer o dia 25 de Dezembro, quer o 1 de Janeiro, sejam antecedidos de uma azáfama infrene: é a época das compras. Compre-se de tudo: prendas para os familiares, lembranças para os amigos, ofertas para se pagar este ou aquele favor. É por isso que nós não temos pejo em declarar que se trata da festa por excelência da família ou de amizade ou do convívio e da tolerância. Parece que as coisas ganham uma cor diferente, as pessoas tornam-se mais simpáticas, no ar pairam os acordes de "silent nights" e tudo e todos desejam-se festas felizes.

Tudo se enfeita, sejam as casas particulares com um presépio cuidadoso ou a árvore resplandecente do Natal, sejam as lojas com montras especificamente decoradas, sejam as ruas com iluminações feéricas e músicas adaptadas à quadra festiva.

Esposende-cidade também se adornou com lentejoulas de arraial e sobretudo com uma iluminação bem cuidada. Segundo nos contaram, a iniciativa partiu da nóvel agremiação que tem o nome de Associação Comercial e Industrial de Esposende, embora as despesas tivessem corrido a meias com a Câmara.

E a terra de Fão como é que se ornamentou nesta quadra do ano? Muito simplesmente. Simplesmente demais. Lançaram-se uns fios com lâmpadas por cima de algumas árvores, mas de uma maneira muito pobre, ao jeito de quem diz: "toma lá e não digas que vais daqui".

Não sabemos quem arcou com a despesa... mínima: se a Junta só ou com a colaboração dos logistas. Não estamos a ver estes entrarem no jogo ou seja em despesas extras.

De qualquer modo e para casos tais deve lembrar-se que Fão é uma vila, possui um ar

(Cont. na pág. 2)

UM COMANDANTE EM APUROS (1855)

Lendo o Protesto de Mar, ou melhor o "Instrumento de Protesto Marítimo passado a favor de António Henrique de Oliveira, Capitão do Hiate Português - Bom Jesus dos Navegantes" - apresentado em Lisboa, no Tribunal do Comércio da Primeira Instância, no dia 31 de Dezembro de 1855 (faz agora 140 anos!), pode-se imaginar a tragédia que poderia ter acontecido, não fora a sabedoria e competência deste Capitão fangueiro.

Nesse documento são transcritos os autos lavrados no seguimento dos acontecimentos ocorridos ao Hiate "Bom Jesus dos Navegantes", em consequência da atracção (leia-se abalroamento...) que teve em Belém, no dia anterior, com a Corveta do Registo.

O Hiate em causa, tinha saído a barra de Esposende no dia 22. A 30 achava-se no porto de Lisboa "estaque de quilha à corda e em todo o sentido mais perfeito estado de navegação", tendo recebido um carregamento de sal e encomendas para Esposende.

Preparado para largar, com este destino se fizera de vela, relata o Capitão. Pelas oito horas da manhã, "com vento de N.O. bonançoso, e maré de vazio quase parada", seguiu até Belém onde ali aguardou a visita do Registo da Corveta.

Cerca das onze e meia, e inesperadamente, "sobreveio um grande estoque (1) de água", de que resultou o seu iate perder (2) o governo e não obstante terem empregado as manobras convenientes nestas circunstâncias, para evitar o sinistro largaram também o ferro, mas, intempestivamente "fôra o Hiate cair atravessado em cima da proa da dita Corveta, o que resultou que no Hiate se partisse "parte da corda de bombordo, cabeços, trincanil do mesmo lado e costado". (3)

Nesta situação, e achando-se o Hiate "em eminente risco D'ir ao fundo" deliberou, o Capitão, de acordo com toda a sua tripulação, para "a salvação geral de vidas, carga e casco, cortar como cortaram as enxárcias, patarazes (4), estais e outros cabos" reclamando logo ali uma Vistoria para comprovar a veracidade e exactidão das opções tomadas.

Tendo safado, por este meio o Hiate da Corveta, logo verificaram que o seu navio "abria grande quantidade de água", em consequência do rombo que recebera, e de imediato o tentaram tapar com lonas e encerados, tocando às três bombas incessantemente.

Porém, para além de todo este esforço dispendido, acabarm por constatar que a situação do barco se mantinha inalterável, e impraticável de prosseguir viagem, razão porque o Capitão, e mais uma vez de acordo com a equipagem, chegou à conclusão de que não era possível

chegar ao Quadro d'Alfandega", optando por encalhar na Praia da Boavista (junto a Belém).

O capitão António Henrique de Oliveira, que no acto de apresentação do Protesto estava acompanhado por parte da sua tripulação, diz ter desempenhado o seu dever e "exibe e ratifica o seu termo de mar" e faz "novo protesto na mais valiosa forma de direito, contra mares, ventos, interessados na carga, casco, seguradores e contra quem mais deva e lhe pertença protestar, por toda a classe de avarias, a fim de não ser responsável pelos prejuízos que o Hiate sofreu".

Demonstra que o acidente se deveu "à força maior dos Elementos, protestando ainda e finalmente, em nome de todos os interessados" para que possam haver e reclamar dos seus seguradores ou de quem melhor competir as devidas indemnizações na conformidade com o Código Comercial e Ordenanças Marítimas".

Por fim é feita a rectificação do Auto, em fé das declarações prestadas e na presença do Juiz, e assinam.

O capitão A. Henrique de Oliveira, tem na altura 33 anos, é natural de Fão e é casado.

Francisco da Silva Gageiro, marinheiro, também é de Fão, tem 28 anos; é solteiro e assina de cruz;

Jão Luís da Barra, marinheiro, é de Fão, tem 61 anos, é viúvo e assina de cruz;

João José dos Santos, marinheiro, também de Fão, é casado, 41 anos e assina de cruz;

Estes os tripulantes presentes como testemunhas. Mas outros tinham ficado junto ao navio, já encalhado, sendo eles:

O marinheiro Manuel Ribeiro Salgado, 30 anos, casado, de Fão;

Manuel Ferreira Morgado, moço, de 21 anos, solteiro, de Gandra;

José Ribeiro Salgado, moço, de Fão, 27 anos, solteiro;

Manuel Mendes, de Fão, moço de 16 anos, solteiro e

Lourenço Lopes, ainda de Fão, moço de 20 anos de idade e solteiro.

O proprietário do Hiate era Manuel André Mendes, que creio ser também de Fão. É que um dos "moços", Manuel Mendes, filho de António Mendes, é natural de Fão. Possivelmente será da mesma família.

Quanto ao desfecho deste acidente insólito, nada parece ter afectado tanto Armador como Comandante e tripulação, pois, passados que foram cerca de seis meses, contando com o tempo necessário para fabricos (5) do navio, e-ilos novamente a navegar para os principais portos do Reino.

JOSÉ FELGUEIRAS

(Continua na pág. 2)

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

OS LIVROS

Os livros são os nossos melhores amigos.

Estão sempre prontos a fazer-nos companhia, não reagem, se de repente, os abandonamos e têm o condão de nunca se melindrarem.

Têm o dom de nos serem úteis sem nada pedirem em troca.

Sabem preencher as nossas horas de solidão, levam-nos muitas vezes à meditação e são eles que nos ensinam, desde a escola infantil à maternidade tudo ou quase tudo que sabemos.

Através deles descobrimos tudo que nos rodeia.

São eles que nos fazem debruçar sobre a vida, o amor, a saudade, o trabalho, a morte, etc., etc. ...

Há alguns que marcam um forte rumo na nossa vida, e esses são inseparáveis. Todas as pessoas tem as suas preferências, mas o interesse é o mesmo.

Umam dedicam-se à poesia, outras aos livros científicos; às descobertas, às biografias, ao livro de ficção, etc., mas em todos os campos há um interesse peculiar.

APRENDER E DESCOBRIR

No livro encontramos o companheiro ideal.

Nunca discute, está sempre de acordo e não impõe a sua presença.

Os meus livros são para mim uma relíquia. São companheiros constantes do meu dia-a-dia. Nem sempre tenho tempo para ler ou reler certos livros que tenho há muitos anos.

Livros de edições já esgotadas, alguns com

UM COMANDANTE EM APUROS

(Continuado da pág. 1)

(1) - O efeito do encontro de duas águas ou correntes sobre a água parada - Dic. ilust. de Marinharia - A. M. Esparteiro - 2.ª Ed.

(2) O mesmo que IATE. Navio de dois mastros latinos.

(3) Todo o lado esquerdo (amura de bombordo) da proa rebentou. Cabos, enxárcias, e reforços entre borda falsa e convés (trincanis), o que de facto punha o navio em má situação.

(4) Cabos (ou correntes) que amarram o pau da bujarrona ou gurupés, às amura (bombordo e estibordo).

(5) Reparações.

Editorial

(Continuado da pág. 1)

citadino, que não é de aviário, e por isso todos os arranjos que se lhe façam devem ter em conta essa singularidade, devem ter em conta que Fão já é uma terra com um certo estatuto. Os comerciantes deviam ser convidados a participar pois eles são os principais beneficiários e devem ter em mente que Fão não é uma terra qualquer.

dedicatórias de autores já falecidos e que estão esgotados há muito tempo.

Pena é que nem todas as pessoas tenham acesso a eles.

Uns por falta de meios financeiros, outros por falta de interesse.

Com excepção duma certa percentagem, há um desinteresse muito grande na juventude de hoje.

A televisão, os vídeos e a vida trepidante que se vive diariamente, não lhe dá espaço para a leitura. Abrem apenas os livros obrigatórios de estudo e ficam-se por aí. Todos os pais deviam incentivar os filhos a ler.

Isso os afastaria dos perigos da rua. Ler é uma necessidade espiritual.

Já nos velhos tempos, os homens que não sabiam ler, iam às sinagogas ouvir a "Lei de Moisés" e aprender através do Velho Testamento os principais deveres dum homem.

É através dos manuscritos, que nós conhecemos, hoje, a história dos povos antigos; são eles que nos ensinam a trabalhar e a conhecer as várias raças, costumes e tradições que tem acompanhado os homens através dos tempos.

Li, há pouco, que em Portugal a percentagem de quem se interessa pela leitura é muito pequena. Isto reflecte o atraso em que vivemos perante uma C.E.E. exigente.

Se nos quisermos impor numa Europa exigente, temos que nos virar para a educação e para a cultura.

Só o desenvolvimento intelectual dum povo, o pode elevar e impor os seus estatutos.

Há países pequenos que marcam a sua posição pela cultura do seu povo.

Há outros, que embora muito vastos territorialmente, como a África, são esmagados, pela ignorância dos seus povos.

Isto revela que a cultura é uma riqueza que se deve incentivar.

A televisão, que é o maior meio de comunicação que existe, tinha por obrigação ajudar o povo a aprender. Mas não.

Encharca as mentes com telenovelas de mau português, intervaladas com concursos de mau gosto e com filmes de violência, droga ou sexo.

Que proveito se tira dum serão televisivo?

Bem sei que há pequenas excepções.

Mas são mesmo pequenas.

Para as crianças houve uma certa recolha de desenhos animados violentos.

Mas isso não chega.

Temos que ir mais longe.

Ensinar o que de bom há no mundo. Mostrar o que se pratica no campo da fraternidade entre os povos, as lições de altruísmo que ficam ignoradas, o esforço que tantos voluntários dispendem para ajudar o seu próximo, a vida de tantos cientistas que dedicam todas as suas vidas para a descoberta da cura de tantas doenças, etc.

Seria bom que os governantes meditassem e promovessem o interesse pelos livros. Seria uma maneira de semear... para um dia poderem colher.

A sabedoria, como diz Salomão nos seus provérbios é uma riqueza inesgotável. Mais vale ter sabedoria do que riqueza. Esta pode acabar mas ter cultura é ter uma enxada para produzir riqueza.

FLORESTA NA PORTA

*À minha porta trouxeram
Um ramo de brancas rosas;
E com elas me disseram:
Faz tuas horas, formosas.*

*À minha porta deixaram,
Um ramo de margaridas;
Com elas me recordaram,
As primaveras das vidas.*

*À minha porta puseram,
Um ramo de violetas;
- Tantas vidas que sofreram,
Tantas vidas nas valetas!*

*Colocaram, de mansinho,
Também rosas encarnadas;
Recordei aquele espinho,
Das amarguradas.*

*Crisântemos vi também,
À entrada, pendurados;
Era Outono... e o mais Além,
Deixou meus olhos molhados.*

*Amores-perfeitos, também,
Puseram à minha entrada;
E lembrei a minha mãe,
Meu amor na caminhada.*

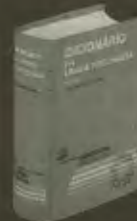
DINIS DE VILARELHO

INGENUIDADE

*Pensava eu, em pequena,
Que no mundo iria a andar:
A ouvir o verbo amar
E a conjugá-lo por lema.
Depois, em jovem, pensava
Com todos viver de bem;
Nesse tempo eu ignorava
Que o mal tem força também!*

FLORINDA DE ALMEIDA

Em caso de dúvida
nalguma palavra
deste jornal,
dedique-se por uns momentos
a outra leitura.



7ª Edição. Mais completa e actualizada.

PORTO EDITORA

Construção do Hospital - Asilo de S. João de Deus, da Santa Casa da Misericórdia de Fão

Como é sabido de todos, um dos maiores "mistérios" da história de Fão, curiosamente, é a construção do actual Hospital - Asilo de Fão.

Depois de quatro anos de aturadas investigações e melhorada preparação pedagógica - com o nobre apoio da Fundação Professor Pio Rodrigues e "O Novo Fangeiro" - resolvi tentar explicar este "fenómeno" através dos factos que tenho vindo a coligir e que satisfaçam a curiosidade do estimado leitor.

Obviamente, fontes mais ricas e completas que o arquivo da Misericórdia de Fão e "O Esposende" não existem!

Portanto, comecemos com alguns apontamentos preliminares: -

A 23.01.1881, pelo Provedor foi dito que, visto serem "mui limitado os comodos do hospital", sendo suas enfermarias assásmente acanhadas e insuficientes para acolher os "infelizes enfermos", não só desta freguesia, como também das freguesias circunvizinhas, que a ele recorriam, não se podendo nele aceitar certas moléstias contagiosas, por não ter uma enfermaria, "ainda que pequena", para tais moléstias, se acontecesse uma epidemia, as Mesas "se viriam na dura necessidade de tratar", fora do hospital, aqueles infelizes que a ele recorressem.

Que achava, porém, mais acertado, para evitar tais inconvenientes, a remoção da cozinha e quarto dos enfermeiros, porque este espaço já dava para aumentar uma enfermaria e fazer uma alargada das enfermarias do lado do nascente, para ficarem com a capacidade precisa de recolher os enfermos.



A 11.12.1883, apresentado um officio, dirigido pelo Administrador do Concelho de Esposende à Santa Casa, a fim da Mesa se reunir e deliberar, "já", com quanto a Irmandade podia concorrer, para as despesas da fundação e manutenção de um hospital provisório, neste Concelho, "para os choléricos", caso a epidemia se viesse a

manifestar. Sendo discutido o assento, toda a Mesa foi unânime, "em não poder concorrer com quantia alguma, para as despesas de tal hospital", visto as grandes despesas que se faziam sentir para satisfazer os seus encargos e auxiliar o Hospital da Santa Casa. Também foi unânime em não duvidar em fazer, ainda, um grande sacrificio, quando a epidemia viesse a manifestar-se, recorrendo aqui, nesta freguesia, "os choléricos", não só da mesma, como das de todo o Concelho, àquem do rio Cávado, como já aconteceu em mil setecentos e cinquenta e cinco".

21.12.1884, visto que "o aprovo do respectivo orçamento geral da receita e despesa, tanto da Santa Casa, como do hospital anexo, relativo ao ano económico de 1884/85", determinar que as importâncias de várias verbas de despesa facultativa, lançadas no referido orçamento, ficassem destinadas para "acudir a colonidade de cholera morbes", se, porventura, invadissem este Concelho, reconhecendo a Mesa que, por aquele ano, "felizmente, não sermos invadidos d'aquella epidemia, era urgente fazer-se um orçamento suplementar, o qual, depois de discutido, foi approvedo", deliberando a Mesa que fosse remetido, "com a possível brevidade", ao Administrador do Concelho, para as enviar á autoridade competente, para ser approvedo.

João Maria Machado do Vale
(Continua)

COMISSÃO DE FESTAS NOSSA SENHORA DA BONANÇA (FÃO)

RELATÓRIO DE CONTAS (ANO DE 1995)

RECEITAS:		
Lista do Ramalhão - Sul		391.550\$00
Lista do Ramalhão - Norte e Hospital		450.500\$00
Lista Areosa - Sul		193.250\$00
Lista Areosa - Norte		166.280\$00
Lista das Pedreiras		259.400\$00
Pachá, Câmara Municipal de Esposende, Governo Civil de Braga, Junta de Freguesia de Fão, esmolas durante a procissão, Lista da Praia e outros Amigos e Diversões		734.000\$00
Saldo do Ano de 1994		521.813\$00
	TOTAL:	2.716.793\$00
DESPESAS:		
2 Conjuntos (Micro Music e Tífos).		380.000\$00
4 Ranchos Folclóricos		250.000\$00
1 Banda de Música de Moreira de Lima		185.000\$00
Viana Filhos, L.da - Fogo		260.000\$00
Casa Correia - Arraial		550.000\$00
Zés Pereiras - Barcelinhos		100.000\$00
Fantarra dos Bombeiros Voluntários da Póvoa de Varzim e Transporte		110.000\$00
Aparelhagem de Som para a Noite Fangeira e Ranchos		65.000\$00
Rufino Soares - Andores		20.000\$00
Aluguer do Coreto e Palco		105.000\$00
Florista de Fão		113.500\$00
E. D. P., Licenças e Seguros		129.729\$00
Almoços para Zés Pereiras e Homem do Som, Selos, Telefones, Material de Papelaria, Transporte, etc.		105.650\$00
	TOTAL:	2.373.879\$00
Receitas	2.716.793\$00	
Despesas	2.373.879\$00	
Saldo.	342.914\$00	

Aproveitando a apresentação do relatório de contas referente ao Ano de 1995, vimos informar que em virtude desta Comissão ter assumido as Festas nos Anos de 1994 e 1995 e por falta de disponibilidade de alguns elementos, encontra-se esta COMISSÃO DEMISSIONÁRIA pelo que propomos aos habitantes de Fão, a formação de nova Comissão.

O saldo positivo apresentado no Relatório será entregue à nova Comissão que vier a tomar posse.

Aproveitamos ainda para agradecer a todos os que contribuíram para a realização desta Festa, o nosso muito obrigado, fazendo votos para que continuem a ajudar aqueles que nos vierem a substituir, para que estas festas não acabem.

Fão, 13 de Janeiro de 1996.

A Comissão Demissionária

Pelos Correios

Fão dispõe actualmente de um carteiro que é um caso sério. Troca a correspondência, atrasa a entrega das cartas, demora a notificação dos registos, enfim, baralha tudo. E o povo, que se exaspera com este acontecer de coisas, vai perguntando: "Por que foi que o anterior carteiro, João Manuel Rodrigues Barcelista, não continua? Com esse andava tudo afinadinho".

Os Correios lá saberão, mas não temos dúvidas em afirmar que um carteiro da terra sempre inspira outra confiança. Nós, por exemplo, estamos a receber dois exemplares do mesmo jornal. Um deles, porém, é para um familiar nosso que nem tem o nosso nome nem possui a mesma morada. O erro da entrega deve-se Fão só a falta de atenção.

Dizem-nos que há em Esposende um novo carteiro que é natural de Fão. Não seria melhor deslocá-lo para a sua terra? Concerteza que se evitaríamos os desentendimentos que hoje se verificam na vila fangeira, terra que merecia outro trato por parte dos CTT.

Sinais de Trânsito

Com frequência os sinais de trânsito colocados nas artérias de Fão desaparecem. Isso já tem dado ocasiões a desastres. Não sabemos quem os destroi, se são naturais da terra ou de fora. É tudo uma questão de civismo. O mesmo se diga do estacionamento. Estaciona-se em qualquer sítio, quer isso traga complicações para a passagem dos automóveis ou não. A GNR de Esposende devia andar mais por aqui. Então aos domingos à tarde os abusos são demais.

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

BARRA DO CÁVADO DE NOVO EM FOCO

No decorrer da Assembleia Municipal de fim do ano, o presidente da Câmara anunciou ter conhecimento de que o projecto sobre as obras de regularização da barra do rio Cávado, foi dado por concluído.

A informação era escassa e, dado o interesse da obra por se tratar de aspiração dos esposendenses desde há duzentos anos, ficou a promessa da sua execução.

Num contacto informal com Alberto Figueiredo, fomos informados de que "a informação existente é o conhecido: o estudo está concluído". Diria, ainda que tentou a marcação de entrevista com o Secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, a tutela dos Portos, "pedido via fax e passadas três semanas não obteve resposta". Esclareceu, ainda, o presidente da Câmara Municipal de Esposende que espera a visita do Secretário de Estado do Ambiente até final deste mês, princípios do seguinte, a quem espera fazer sentir a necessidade da obra e, por outro lado, estabelecer "o contacto com o Secretário de Estado dos Transportes".

A cópia do dossier do problema "barra do Cávado" já foi entregue e, depois destas diligências espera-se o avanço do processo. "O estudo está feito, o impacto, agora a questão será de um mês e poderá ser lançada a obra. Agora, é evidente, disse o presidente da Câmara Municipal, "é uma questão de vontade política do Governo pois, a obra de arranjo da barra do Cávado é muito importante para o desenvolvimento de Esposende".

Recorda-se que no plenário de 26 de Junho de 1995, realizado na Biblioteca Municipal, os pescadores optaram pela segunda versão, que propõe o prolongamento do molhe norte até 200 metros com ligeira curvatura para sudoeste e outro molhe, a sul, de protecção e defesa da restinga, além do encanamento para dar força às águas. O custo inicial estimava-se em 800 mil contos e, no recente estudo veio a ser alterado para 1,5 milhões de contos.

Os esposendenses continuam na expectativa, depois de compasso de espera, já com 200 anos.

"FUTURO DO SISTEMA EDUCATIVO EM PORTUGAL", PALESTRA NO CLUBE ROTÁRIO

"O papel educativo da Escola sé se poderá equacionar convenientemente se nós formos capazes de articular bem este papel, entre os Pais e a Escola", afirmou Joaquim de Azevedo que foi Secretário de Estado do Ensino Superior no XII Governo Constitucional, em palestra proferida no clube Rotário de Esposende, em 12 de Janeiro.

No Hotel Nélia, o Clube rotário organizou mais uma reunião festiva a que presidiu António Losa Capitão, o conhecido industrial de construção civil. Depois da saudação às Bandeiras, coube ao advogado Horácio Lage o protocolo e a D. Angélica Miranda a Secretária.

Losa Capitão, no momento do presidente, forneceu algumas informações das actividades do Clube, entre as quais a carta da Fundação sobre bolsa de estudo e anunciou a realização da Assembleia Geral, para Fevereiro próximo. Deu a palavra a Capitão Vale a fim de informar sobre o andamento dos trabalhos quanto à fundação do rotaract e a Martins de Oliveira sobre a projectada deslocação a França; à jovem Cardoso e Silva, do rotaract de Vila Real para indicar das actividades locais; anunciou que Alberto Figueiredo, presidente da Câmara Municipal, na reunião aceitou fazer uma palestra sobre temas do concelho de Esposende.

O momento mais apetecido da reunião chegou: a palestra do convidado, Dr. Joaquim de Azevedo, com um currículo invejável. Coube ao advogado Gomes do Vale apresentar o palestrante que, disse, das suas qualidades de docente, da preparação do seu doutoramento em Ciências de Educação, da sua participação em trabalhos e Seminários internacionais, em projectos sobre o Ensino e da colaboração com a UNESCO, OCDE, C. Europeia e de várias representações do Governo.

Numa exposição sucinta, mas objectiva, o palestrante abordou o Sistema do Ensino e a Educação e, bem assim, as acções desenvolvidas em vários países. A certo passo disse: "Qual é o valor educativo da Escola numa sociedade que deixou só para a Escola as questões educativas?" Foi a partir desta interrogação que desenvolveu a exposição, depois de recordar que "Há 40 ou 50 anos as questões educativas das sociedades, entre elas a portuguesa, eram de responsabilidade partilhada: a Escola, a Igreja, a Família e, nalguns casos o Exército". Mais adiante, a justificar a afirmação, afirmou: "a função das instituições esvaziou-se, transferiu-se para a Escola". Por isso, "se custa tanto dinheiro ao Estado é na Escola que se educa", que a Família descurou a educação e a disciplina, ficou implícito na exposição.

Muitos outros problemas foram afluídos, nomeadamente o exagero de cursos sem aplicação prática e as dificuldades que representam para o mercado de trabalho. No entanto, diria, a situação do sistema educativo está dependente do seu planeamento, não sobre resultados do passado, mas objectivado de modo diferente, isto é, quanto ao futuro. Devemos "olhar o futuro e não regressar ao passado".

O comentário da reunião esteve a cargo do advogado Brás Marques que sintetizou: a crise da Educação é a crise da Família e também, a crise da sociedade.

O presidente Losa Capitão agradeceu a presença do palestrante e elogiou o seu trabalho.

Lamentou a ausência de representantes dos Conselhos Directivos das Escolas do Concelho, apesar de terem sido convidados atempadamente.

CLUBE ROTÁRIO: 18 ANOS DE INTENSA ACTIVIDADE

Na reunião festiva de 26 de Janeiro findo, o Clube Rotário de Esposende celebrou o 18.º aniversário da sua fundação, com reconhecido mérito na actividade social e de participação integrada em acções de natureza cívica.

Efectuadas as tradicionais cerimónias de saudação às Bandeiras, do protocolo e da Secretária, o presidente Losa Capitão, no momento próprio, dirigiu uma saudação aos representantes dos Clubes de Barcelos, de Viana do Castelo, de Esposende e aos convidados; anunciou, ainda, a sua forçada ausência da reunião, cedendo as funções ao seu substituto, Manuel Mariz Neiva. Entretanto, saudou o representante do Governador Rotário do Distrito 1970, o companheiro António Costa, do clube de Barcelos e bem como o Dr. Tito Evangelista e Sá, em representação da Autarquia local; aos presidentes dos Clubes de Barcelos e de Viana do Castelo, solicitou reuniões conjuntas para se analisarem algumas questões internas.

A finalizar a reunião, das mais rápidas do mandato, usaram da palavra: António Costa e Tito Evangelista e Sá que realçaram o serviço à comunidade do Clube aniversariante e, "salienciam a maioridade social e cívica demonstrada ao longo destes anos.

O comentário da reunião esteve a cargo do companheiro António Martins de Oliveira.

FALCIMENTOS

• Manuel José Palmeira Barreira

Devido a doença súbita, faleceu Manuel José Palmeira Barreira, 61 anos, viúvo, Ajudante da Conservatória de Registo Civil de Esposende, natural e residente nesta cidade.

O saudoso extinto era pai de Maria Eugénia, prof. Eugénio e João Reis Barreira.

Dinâmico e trabalhador, Manuel Barreira colaborou em várias instituições locais, entre elas, o futebol, Comissão de Festas e fazia parte dos corpos sociais da Panizende. (Continua na pág. 6)

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS/96 - RESULTADOS NO CONCELHO

O Dr. Jorge Sampaio, apoiado pelo Partido Socialista, foi eleito Presidente da República, com 7,6% dos votos mais em relação ao Prof. Cavaco Silva, apoiado pelo Partido Social Democrata.

No Concelho de Esposende, por freguesia, o resultado consta no quadro junto e que, entre outros comentários, demonstra que os dois partidos PSD e CDS/PP votaram em Cavaco Silva, apurando-se 11.282 votos, isto é, mais 391 votos desviados de outras forças políticas. Jorge Sampaio, obteve 5.694 votos, menos 88 que o conjunto do PS e o PCP e outros partidos de menor expressão na votação das legislativas de Outubro.

De assinalar que a abstenção foi de 30,1%, ligeiramente inferior à média nacional.

O novo Presidente da República será empossado em 9 de Março próximo.

RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS/96 - CONCELHO DE ESPOSENDE

	AMTAS	APÚLIA	BELINHO	CURVOS	ESPOSENDE	FÃO	FORTE BOA	FORJÕES	GANDRA	GEMESES	MAR	MARINHAS	PALMEIRA	RIO TINTO	VILA CHÁ
INSCRITOS	1.664	3.239	1.738	655	2.274	2.216	1.024	2.172	794	898	988	3.793	1.886	594	1.213
VOTANTES	1.152	2.289	1.189	483	1.775	1.574	731	1.501	618	630	699	2.578	1.029	445	760
CANDIDATOS	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=
CAVACO SILVA	750	1.747	868	337	740	784	575	875	333	448	454	1738	675	347	602
JORGE SAMPAIO	364	476	275	135	983	757	138	596	259	154	225	781	320	87	144
VOTOS: NULOS E BRANCOS - 457								TOTALS: INSCRITOS - 24.948 / VOTANTES 17.433							
ABSTENÇÃO - 30,1% / ABST. NAC. - 33,6%								CAVACO SILVA - 11.282 / JORGE SAMPAIO 5.694							

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Ainda há pouco vos desejamos boas festas e já aí está o Carnaval à porta! Decididamente, o tempo voa! Esperamos que sejam para vós uns dias de divertimento, bem passados, mas sem excessos. Confiamos no vosso bom senso. E... bom Carnaval!

MANHÃ DE ABRIL

Por CARMEN LUZ

Quando o professor me perguntou para onde estava eu a olhar, nem o ouvi. Foi a Márcia, sentada ao meu lado, que me despertou, com uma cotovelada.

E digo despertou não porque eu estivesse a dormir. Estava, sim, a sonhar. Logo descí à terra e limitei-me a sorrir, sem responder.

Com a melhor das boas vontades, lá procurei estar atenta à monótona descrição de uma batalha que se tinha passado há tantos séculos. Que interesse podia ter para mim e para os outros alunos? Porque não nos falavam de temas com mais interesse? Se os homens de há 2 mil anos eram igauzinhos aos de hoje, com as mesmas angústias e esperanças, com as mesmas alegrias e tristezas, porque não nos contavam algo com isso relacionado?

Uma vez, vi um filme, "Spartacus", sobre a revolta de uns escravos. Porque não nos falam deles, do seu sofrimento, da sua coragem para a revolta contra os seus "donos", e também de outras gentes, de outras terras, enfim, de coisas que prendam a nossa atenção?

E pronto. Lá estava eu outra vez a divagar, sem ouvir a história da batalha. Porquê batalhas? Porquê morrer por um bocado de terra ou de poder?

Voltei a olhar pela janela. Lá fora, pássaros voavam em torno duma árvore, a preparar a sua "morada" de Verão. O Sol batia nas folhas ainda húmidas fazendo-as brilhar. No céu azul passavam nuvens pequenas, flocos brancos e leves. Coisa mais linda, depois do Inverno ver a Vida renascer!

Pronto. Lá está a Márcia a chamar-me à realidade. Desta vez não me livro de um ralhete. Ah! Mas que alívio! Está a tocar para fora! Desta vez, escapei. Mas foi mesmo por uma unha negra...

O FUTURO

*Nas vertigens da confusão
E na atracção pelos abismos,
Nos olhares indiferentes de desprezo:*

*Não posso falar do passado
Porque já passou!*

Não posso falar do presente

Porque não o reconheço!

Não posso falar do futuro

Porque é o imaginário

E apenas o que queremos!

É o desejar o indesejável,

O conseguir o não pretendido,

O perder a luta,

O batalhar a esperança,

O conseguir o insignificante,

O cavar o próprio túmulo...

Mas viver...

FILIPA MAGALHÃES (17 anos)



Desenho de JOANA SÍLVIA

PRIMÓRDIOS DE VIDA

*Recordo o tempo remoto
Em que a melodia
Da sua voz
Me invadiu
Como um rio
Que desagua no mar.*

*Em que senti
Pela primeira vez
A carícia da
Sua brisa
Que fez rodopiar
As folhas das árvores.*

*E lhes deu vida
Lembro-me do momento
Em que as suas gotas
Vitais e efémeras
Caíram como pétalas
Sobre o meu destino.*

*Mas desse momento
Não tenho mais nada
A não ser lembranças,
Apenas tenho
A tênue luz distante
Do fogo inicial.*

*Da explosão repentina
Que surgiu por acaso,
Luz que só agora
Chega aos meus olhos
Para me relatar
Um início que já não existe.*

*Um início
Que se perdeu
Nas malhas do tempo
Mas que,
Embora fraco e desvanecido,
Chegou até aqui!*

MARTA MENDES (18 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Era uma vez um pastor, rude, solitário, que passava a maior parte da sua vida na serra, apascentando o seu rebanho. Não tinha família e as ovelhinhas, cabrinhas, carneirinhos, eram todo o seu enlevo.

Falava com elas como se fossem gente e quando algum morria só lhe faltava pôr luto.

Ora um dia adoeceu a sua ovelhinha preferida. Afrito, fez-lhe quantos tratamentos conhecia, e como não resultassem, veio à vila pedir ajuda ao farmacêutico. Este torceu o nariz, mas lá lhe deu um remédio para aplicar ao animal.

Uma velhinha que ouviu a conversa, aconselhou o pastor a ir à Igreja rezar ao Santo padroeiro da freguesia, que era muito milagreiro.

O pastor, esquecido das orações da sua infância distante, entrou na Igreja e disse à imagem que lá se encontrava:

– Olha, Santinho, vê se me curas a minha ovelhinha. Se ela ficar boa, eu trago-te aqui um púcaro de leite. Mas se ela morrer, venho cá com o meu cajado e desfaço-te!

O sacristão ouviu aquilo e ficou receoso, dado que o pastor era homem forte e capaz de cumprir o que dizia.

À cautela, com a ajuda doutro homem, tirou a imagem do Santo Padroeiro do altar, escondeu-a na sacristia, e substituiu-a por outra, do mesmo Santo, mas pequenina e de barro, sem valor.

Acontece que o pastor, quando regressou do pé do rebanho, a ovelhinha já tinha morrido. Desesperado, agarrou no cajado e correu para a Igreja.

Dirigiu-se para o altar, levantou o cajado, e só então reparou na pequenina imagem, embora de cara se parecesse com a grande.

Então, de cajado no ar, furioso, perguntou ao Santinho:

– Olha lá, menino, onde é que está o teu pai?...

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

(Continuado da pág. 4)

O seu funeral, depois de celebrada missa de corpo presente, realizou-se para o cemitério municipal, com grande acompanhamento, e considerada uma das maiores manifestações de pesar.

A toda a família e de um modo especial ao nosso prezado amigo.

Ao Prof. Eugénio Barreira, "O Novo Fangeiro" apresenta as suas condolências.

ACTIVIDADES DO MUSEU "O CONCELHO EM VISITA" RECORDAR A REVISTA DE 1929

No decorrer de Janeiro findo e até 31 de Março próximo, o Museu Municipal tem expostas algumas características sobre a identificação do Concelho de Esposende, onde se recorda o afundamento do vapor "Lagôa" nos rochedos frente à praia e das acções de salvamento, em 1928, notícia publicada em "O Primeiro de Janeiro". Apresenta duas figuras típicas de pescadores e alguns dos apetrechos de pesca no rio.

Esculpir o granito, na oficina de Quintino Vilas Boas Neto, o artesão que frequentou o "Mercado da Primavera", em Pedrouços, Lisboa. Também figura a apanha do sargaço, com os apetrechos e a mulher apulense vestida a rigor, a dar o mote à faina.

Tratamento do linho, a pesca artesanal, cultura do milho e de produtos de inverno (castanha e o nabo), a lembrar S. Paio de Antas, Belinho, as cestas de junco e as esteiras de Forjães, são características que identificam o Concelho.

Em 1929, na revista publicada em Agosto, sobre a identificação de Esposende, o Dr. Alexandre Torres escreveu: "Cercam Esposende, num largo espaço triangular compreendido entre Viana pelo norte, Barcelos pelo nascente e Póvoa de Varzim pelo sul, 14 freguesias que são como

franças da sua beleza viridente, pinceladas em leiras ferecíssimas ponteadas pelos tufos pujantes de magníficos pomares dessedentados pela água cristalina de copiosos regatos, onde saltam as trutas e as rodas das azenhas gemem na sua faina motriz formando melodioso coro com o cantar dos rouxinóis nas noites de luar".

A partir de Março, o Museu tem em plano apresentar algumas exposições curiosas, entre as quais: bonecas de porcelana que abrange o período de Carnaval; Artes Plásticas, em período de Páscoa e tapeçarias, além da arqueologia, cujo espólio tem mostra no 2.º piso, também, o Ritual Funerário no Concelho. Será recordada figura e a história de Filipe Bandeira, a sua actividade de gravador em metais precioso e a sua amizade de Esposende.

DEMOLIDA A CASA DO DESPACHO

Segundo gravura publicada em Agosto de 1929, junto à Estação de Socorros a Naufragos, existe a casa do despacho. Nos finais do ano de 1995, o camartelo do progresso fez desaparecer o pequenini edifício, que Hans Korber pintou.

Segundo opinião do historiador e investigador Dr. Bernardino Amândio, a Casa do Despacho funcionou na dependência da Alfândega de Esposende, edifício gigantesco que existiu junto à Ribeira e pelas traseiras do monumento a Rodrigues Sampaio. Servia de abrigo ou de socairo aos nossos pescadores, no intervalo da faina ou no inverno.

A Casa do Despacho, edifício sem história e sem interesse arquitectónico, não era mais que "chapéu do pessoal da Guarda Fiscal quando em serviço no cais de Esposende", onde se aplicava o dízimo sobre a venda do pescado. Extinto o imposto, depois de Abril de 1974, deixou de ter préstimo, serviu de armazém, foi abandonado e demolido.

Câmara Municipal de Esposende

- AVISO -

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que foram aprovados pela Assembleia Municipal de Esposende, em sessões ordinária de 26 de Dezembro de 1995 e extraordinária de 3 do corrente, os regulamentos que têm por objecto a fixação de regras relativas à construção, fiscalização e taxas de obras particulares, assim designados: Regulamento Municipal de Edificações Urbanas, Regulamento de Compensação pela Operação de Loteamento em áreas urbanizadas e infraestruturadas, Regulamento e Tabela de Taxas, Licenças e Outras receitas Municipais.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente AVISO, destinado a produzir eficácia externa no que respeita às deliberações tomadas por aquele órgão deliberativo, tendo aqueles regulamentos sido enviados para publicação na segunda série do Diário da República, nos termos do n.º do art.º 68.º-A, do Decreto-Lei n.º 445/91, de 20 de Novembro, introduzido pelo Decreto-Lei n.º 250/94, de 15 de Outubro.

E eu, (nome ilegível), Chefe da Divisão de Administração e Finanças, o redigi e subscrevi.

Esposende e Paços do Município, 8 de Janeiro de 1996.

O Presidente da Câmara,
(Alberto Queiroga Figueiredo)

Câmara Municipal de Esposende

- EDITAL -

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que, a Assembleia Municipal, em suas sessões ordinária realizada no passado dia 26 de Dezembro de 1995 e extraordinária de 3 do corrente, aprovou as alterações parciais ao Plano de Pormenor da Zona Norte da cidade de Esposende, propostas pelo Executivo Municipal para a zona da Avenida dos Banhos, 3.ª fase e zona de Outeiro, Marinhas, respectivamente, depois das mesmas terem sido submetidas a apreciação pública, nos termos do art.º 118.º do Código de Procedimento Administrativo.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente EDITAL, destinado a produzir eficácia externa no que respeita às deliberações tomadas por aquele órgão deliberativo, e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume, nos termos do art.º 84.º do Decreto-Lei n.º 100/84, de 29 de Março.

E eu, (nome ilegível), Chefe da Divisão de Administração e Finanças, o redigi e subscrevi.

Esposende e Paços do Município, 10 de Janeiro de 1996.

O Presidente da Câmara,
(Alberto Queiroga Figueiredo)

LAMPREIA - O 1.º EXEMPLAR DA ÉPOCA

O tempo continua instável e a chuva engrossa o caudal do rio Cávado, razão que impede uma boa faina da lampreia e a sua escassez no mercado.

Ja Janeiro já alto, quando o Paulo do Fã captura um belo exemplar. O feliz contemplado, dizem, preferiu com ela pagar favores, mas a lampreia valia bem os 14 contos. Este petisco entrou em alta no mercado gastronómico desta região.

A raridade da lampreia, tão petecida e procurada, obriga a manter a mercadoria em alta de preço: já vai em 11.500\$00, disse a Lucinda do Pezinho, a dona da peixaria S. João. Será difícil satisfazer os apetites dos apreciadores.

No ano anterior, o primeiro exemplar foi vendido por nove mil escudos.

O ROUXINOL

Com a regularização a que já nos habituaram, saiu mais um número de Rouxinol, jornal da Escola Primária de Fão.

Tem histórias, fala de Fão, apresenta os desejos dos alunos nesta quadra do ano "...que haja paz no mundo", traz notícias da escola, descreve passeios feitos pelos alunos, tudo muito bem escrito, com desenhos a alindar. Em suma, a Escola revela-se à população.

Temos sentido dificuldade em escolher um texto para este Jornal pois são muito iguais. No entanto, escolhemos, pelo sentido pedagógico revelado, o conto de Natal, da autoria de Jacinta, do 2.º ano.

Era uma vez cinco irmãos pobrezinhos que precisavam de comida e de roupa. O pai era drogado e gastava o dinheiro em droga.

Um dia, muito perto do Natal, o pai procurou emprego e foi trabalhar para uma fábrica têxtil. Lá, cortava os tecidos. O Natal chegou e o pai com o dinheiro que ganhou comprou prendas para os filhos e para a esposa.

Agora o pai já sabe que o amor está em primeiro lugar e nunca mais pensou na droga.

Patrícia - 2.º ano



EM FÃO: A INUNDAÇÃO DE HÁ 33 ANOS

O rio Cávado, da noite para o dia, em 31 de Março de 1962 invadiu a zona centro de Fão que dificultou a vida de muita gente, provocando o isolamento das ruas Azevedo Coutinho (Rua direita), desde a Praça até à alameda do senhor Bom Jesus; dificultou o trânsito rodoviário na E.N. 13, desde o cemitério até ao Hospital; os acessos para as Pedreiras, praticamente cortados e o Cortinhal, de inundado, isolou as famílias que viviam na zona.

Durante três dias e três noites, as carreiras de passageiros desviaram o percurso; a estação dos Correios, junto do edifício das Irmãs do colégio D. Pedro V, tornou-se inacessível e só de barco era possível contactar os serviços. Com as instalações inundadas, o nível da água atingiu cerca de metro e meio de altura, impossibilitou o seu funcionamento. Curiosamente, conta-se, o responsável do Correio de Fão, comunicou a Braga a situação, pedindo apoio para não interromper os serviços. "Se está o Correio inundado, deve chamar os Bombeiros para escoamento das águas". Ironia do destino! Esgotar

as águas, para onde"? Resposta: "isso é com os Bombeiros!!!"

Cerca de uma hora depois, o funcionário, com as tralhas e valores, — salvos de madrugada por ter sido prevenido por alguém que se fazia transportar em barco a remos — transferiu-se para o Salão Paroquial, depois de contactos com o Pároco, Padre Manuel José Gonçalves e a cedência do telefone da Esperancinha Cubelo. E o Correio, entre outros serviços essenciais, retomou a sua normal actividade. Os outros, com destaque para o comércio e a frequência do Clube Fãoense, devido à impossibilidade de mudança, tiveram de aguentar a situação, de portas fechadas e a ver a concorrência a fazer negócio.

É de salientar, as passeatas de barco a remos pelas ruas e pela Alameda que permitiu a imensos curiosos (e não só!) a visão da calamidade que envolveu largas áreas de Fão.

Durante três dias e três noites, as gentes das zonas inundadas, passaram

um mau bocado, entreendo-se a ver os mirões que se passeavam a gozar o inédito panorama. Esta inundação, creio, excedeu muitas outras anteriores. O rio, apesar do forte caudal em direcção ao mar, apresentava um aspecto belo, com o sol a espelhar nas águas, sem aves nem alguém capaz de se utilizar das suas potencialidades, com dificuldades de abastecimentos, nem a energia eléctrica e água, deram respostas às necessidades do momento.

As águas do rio desceram de nível ao terceiro dia, deixaram muita lama e muito lixo que veio arrastado pelo excepcional caudal do rio Cávado; estragos consideráveis nas moradias e estabelecimentos comerciais; a vida rotineira, sabem lá os sacrifícios, levou o seu tempo a estabilizar. Nunca Fão, nesse período de tempo, foi tão badalado nos jornais, na rádio e na televisão. Promoção da freguesia com elevado preço.

A vida continuou, com as dificuldades inerentes, sendo louvado o pessoal dos Correios pela façanha de tudo fazer para não se interromperem os serviços, em Fão e nas freguesias desta área postal; Apúlia, Fonteboa, Rio Tinto, Barqueiros e Necessidades.

ARTUR L. COSTA

A CULTURA QUE TEMOS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Ainda há pouco os órgãos da comunicação social portuguesa se referiam em termos alarmantes à falta de água especialmente no Alentejo, onde as próprias populações se debatiam com carências para o consumo doméstico. Culpava-se não só a falta de chuvas, como também a retenção da água nas albufeiras espanholas. Acusava-se sobretudo o plano hidrológico espanhol que não teve em conta os interesses de Portugal.

É natural que Portugal tenha razão nessa questão. Mas a Espanha soube construir uma rede de barragens que lhes permitiu superar a falta de chuvas. Todas as nações do mundo procuram aproveitar os seus recursos hídricos, pondo esses recursos ao serviço das populações, ainda que tenham que sacrificar alguns valores, sejam eles culturais ou ambientais.

O Egipto quando teve que optar entre a construção da barragem de

Assuão e marcos muito importantes da sua história, que se encontravam no Vale do Nilo, não exitou em escolher a barragem que era essencial para o seu desenvolvimento, sacrificando todo o resto. Alguns templos que eram esculpidos na rocha como o templo de Abu-Simbel, mandado construir por Ramsés II dado o seu valor, foram mudadas para um plano superior, tendo sido necessário serrar a rocha em blocos, o que se pode imaginar a complexidade da obra, mas grande parte do espólio da era faraónica ficou submerso pelas águas do Nilo.

Em todo o mundo, cresce cada vez mais a necessidade de produzir energia eléctrica, pois que sem ela não pode haver desenvolvimento e alguns países recorrem às centrais atómicas com todas as consequências daí inerentes. Ora, se devemos repudiar com todas as nossas forças a produção de energia eléctrica através de centrais atómicas,

não podemos de maneira responsável obstar à produção de energia hidráulica que é uma energia limpa. Portugal precisa desesperadamente de construir barragens, não só como reserva de água como também para produção de energia, visto se gastar milhões anualmente, na importação de energia eléctrica e também em fuel-oil, para as centrais térmicas. Elaborou-se um plano hídrico que previa uma barragem no rio Côa e outra no rio Sabor. Começaram as obras no Côa onde já lá se gastaram quinze milhões de contos e que perspectivavam uma vida melhor para as gentes da região. Só que alguém descobriu uns riscos nas rochas, que dizem ser gravuras rupestres do período Neolítico, e vai daí, em nome da cultura, pára-se com o empreendimento.

Não se medem as consequências, porque a cultura está acima de tudo.

DE APÚLIA

CENTRO DE DIA PARA IDOSOS – Pronto a funcionar está já o Centro de Dia para Idosos, criado pela A.S.C.R.A., que já tem também sob a sua responsabilidade, o Jardim-Infantil de Apúlia.

É mais um importante factor pela solidariedade social, que a demografia de alguns extractos etários, já há muito aconselhava.

Dispondo de todas as condições possíveis para possibilitar o melhor acolhimento dos que necessariamente o irão procurar, vai ainda espalhar a sua acção no apoio domiciliário a idosos que não possam ou não queiram servir-se daquele importante melhoramento sócio cultural.

Para o efeito, e certamente também para o transporte dos mais pequeninos, a A.S.C.R.A. acaba de adquirir um pequeno auto-carro.

Como o acolhimento dos pequeninos é modelar no trabalho pedagógico e no acompanhamento diário, não será difícil prever o mesmo êxito no acolhimento aos mais idosos, nesta nova valência, de significado muito especial para Apúlia.

UMA MORTE ANUNCIADA – Os últimos temporais e as marés vivas dos primeiros dias deste ano, "mataram" o último moínho dos três ou quatro que durante muitos anos deram beleza e vida à parte sul da nossa praia.

Carcomidos pela erosão dos tempos e com o mar a levar-lhes paulatinamente as areias que os seguravam, já todos abandonados à sua sorte, teriam de morrer, inevitavelmente.

Couve agora a vez ao último, o das dunas da "Ramalha", que os apulienses conheciam pelo moínho do Vendeiro, nome do seu primitivo proprietário.

Os moinhos de Apúlia, com os da parte norte ainda de pé, embora para cumprir missão diferente daquela para que foram construídos, eram, juntamente com a Casa do Cónego, o ex-líbris de Apúlia, e o mais belo ornamento da sua praia.

Tudo que tem princípio também tem fim. Mais tarde ou mais cedo. Só é pena que estas coisas não ocorram o mais tarde possível, como podia acontecer neste caso, se houvesse possibilidades para a sua perservação.

AS NOSSAS PRAIAS – Toda a orla marítima portuguesa foi fustigada na primeira quinzena de Janeiro por violentas tempestades. O mar, enfurecido galgou paredões e dunas, destruindo e atemorizando as terras e as gentes ribeirinhas.

É dos livros, que um corpo enquanto doente, deixa de ter defesas para outra doença, mesmo que mais leve.

Todas as praias de Apúlia, todos o

sabemos, estão enfermas, e algumas quem sabe, de mal incurável.

Os estragos, portanto, seriam inevitáveis, como o foram, principalmente em "Cedovem", e em toda a costa que vai do "Furado" à "Ramalha".

Aqui, o mar destruiu (enguliu, melhor dizendo) alguns metros de duna em toda a sua extensão, tendo destruído também o moínho do Vendeiro, que, mesmo preso por uma linha, ainda valia uns milhares de contos.

Curiosamente, a principal praia de Apúlia saiu substancialmente melhorada com a desgraça das outras. Oxalá que a areia que agora ali regressou, mais de um metro de altura, não seja outra vez levada pelo mar.

FUTEBOL – Com mais um jogo disputado, com o Esporões, e em que o nosso representante averbou a sua quarta derrota, (2x1) o Apúlia tem 16 jogos disputados, com 6 vitórias e outros tantos empates, e 24 pontos, e ocupa a 7.ª posição na tabela classificativa, liderada pelo Serzedelo, com quem o Apúlia disputa o próximo jogo, no seu campo.

TOPONÍMIA LOCAL – No último número deste jornal abordamos já este assunto, tão caro a todos os apulienses. Nele dissemos que a Junta e Assembleia de Freguesia iam propor à aprovação da Câmara Municipal a alteração da toponímia local com o descerramento de placas em algumas ruas de apulienses, que por obras ou feitos ajudaram ao crescimento de Apúlia, ou à difusão do seu nome, das suas virtudes e suas belezas.

Citamos o Padre Cândido Lima das Eiras, Engenheiro António Augusto Fortes Lima, Manuel Gonçalves Torres, Isafas dos Santos Hipólito, e Professor Manuel Lopes Cardoso.

Na altura, e por desconhecimento de quem escreve, ficaram por referenciar os nomes de Adelino de Almeida Eiras, de Alberto Queiroga Figueiredo e Padre Emílio.

No "Novo Fangeiro" do próximo mês de Março, tencionamos publicar uma pequena biografia de todos estes homenageados, se a Câmara de Esposende, como pensamos ser sua obrigação, confirmar esta vontade dos apulienses.

SINAIS DE TRÂNSITO

Com frequência os sinais de trânsito colocados nas artérias de Fão desapareceram. Isso já tem dado ocasião a desastres. Não sabemos quem os destrói, se são naturais da terra ou de fora. É tudo uma questão de civismo. O mesmo se diga do estacionamento. Estaciona-se em qualquer sítio, quer isso traga complicações para a passagem dos automóveis ou não. A G.N.R. de Esposende devia andar mais por aqui. Então aos domingos à tarde os abusos são demais.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 – ☎ (053) 981920

Talho 2 – ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



GRANJEIOS DIVERSOS

(Continuado do número anterior)

4 - COBERTURA DO SOLO

Além dos meios mecânicos e químicos, também se pode usar outro método para evitar a concorrência que as ervas daninhas fazem às culturas.

O método que se vai descrever, e tem vários processos de execução, permite controlar as ervas de forma mais ou menos permanente e, simultaneamente, conservar a humidade no solo por reduzir a sua evaporação.

Até as plantas terem uns 10 ou 12 centímetros, pode-se sachar, mas, depois, cobre-se o solo com palha ou folheto até à altura das plantas.

À medida que esta camada, chamada "mulch" pelos ingleses, se vai decompondo, fornece matéria orgânica ao solo, mas tem de ser renovada. Quando se faz a colheita, a cave de preparação para a cultura seguinte vai enterrar o "mulch", melhorando o solo.

Deve-se evitar fazer "mulch" com plantas acabadas de cortar, porque podem entrar em fermentação e "escaldar" as que deviam proteger. Se, mesmo assim, se usarem, deve-se evitar que fiquem em contacto com as culturas.

Os franceses chamam a este processo "paillage", porque usam para o executar.

Um processo que se tem divulgado ultimamente e evita alguns dos inconvenientes do uso de resíduos vegetais (abrigo de roedores, perigo de incêndio, aparecimento de certas doenças) é a cobertura do solo com plástico.

É um processo muito usado nos morangos, mas que pode ser aplicado a outras culturas. Este trabalho é feito imediatamente antes da plantação. O material mais usado é a manga de polietileno preto, com espessura entre os 15 e 4 centésimos de milímetro (0,15 a 0,04 mm), conforme desejamos material mais ou menos duradouro, mais ou menos caro, portanto. As larguras variam desde cerca de meio metro a metro e meio, ou um pouco mais. A largura maior reduz o trabalho de instalação, mas essa economia pode ser compensada pelo preço. Tudo dependerá das circunstâncias.

Alguns inconvenientes do plástico negro em relação ao transparente são o facto de escaldar o frutos em contacto com ele e reduzir a absorção de calor pelo solo, o que pode ser importante em terras frias, mas a sua grande vantagem é impedir o desenvolvimento das ervas por falta de luz. Um inconveniente de todos os plásticos é aumentar o perigo de geadas (por não facilitarem a radiação nocturna do calor do solo, como sucede nas condições naturais).

O plástico deve ser perfurado para se fazer a transplantação, o que cria dificuldades à sua mecanização. Podem-se usar máquinas sem derregador, rodando sobre o plástico, mas a perfuração deste tem de ser absolutamente regular, respeitando as distâncias a que o transplantador distribui as plantas, e a condução do tractor tem de ser muito bem feita. Em resumo, não é fácil combinar a cobertura plástica com o transplantador mecânico, mas confio no engenho português para resolver o problema. Por enquanto, quase não fazemos plantação mecânica pelo que não vale a pena maçar a cabeça com o assunto.

Quando se faz a cobertura em plástico, devem-se deixar intervalos entre as tiras, para a rega. Como os bordos do plástico são cobertos com a terra, entre duas tiras fica um canal mesmo a jeito. É um dos casos em que não se aconselha a aquisição de aspersores. Se eles já existirem, podem-se usar, desde que se tomem certas precauções e se reúnam certas condições, como ter o terreno, debaixo de cada tira, armado em camalhão levantado acima do rego, com a superfície inclinada para os lados. Então, a água escorre para os regos e infiltra-se neles, desde que estejam nivelados. Portanto, só em certos casos pode valer a pena.

A grande vantagem da cobertura com plástico preto, como se disse, é o combate às ervas daninhas, sem serem precisas

mobilizações cuidadosas nem herbicidas.

Contudo, o plástico transparente também é eficaz, escaldando as plantas que nascem sob ele.

5 - ADUBAÇÃO DE COBERTURA

As plantas em desenvolvimento têm grandes necessidades de nutrientes. O estrume tem uma acção regular mas não atende aos consumos de ponta, enquanto a adubação de sementeira (ver 2, IV parte) não é muito rica em azoto, porque as plantas jovens consomem pouco e é difícil conservá-lo no solo durante o tempo necessário para estar disponível nos momentos de maior consumo, quando elas estão mais desenvolvidas. Por isso, nesta fase, fazem-se adubações azotadas, chamadas de cobertura por serem feitas sobre as plantas. Embora não seja absolutamente necessário enterrar o adubo, porque o azoto se dissolve facilmente e se infiltra com a água, é conveniente fazê-lo, para reduzir perdas para a atmosfera e evitar que as raízes se tornem muito superficiais, caso em que a planta sofre mais com a seca, mesmo quando regada, pois a camada superior do solo perde água muito rapidamente em tempo quente.

Este enterramento é feito aproveitando as sachas. É claro que, se se usa "mulch", vegetal ou plástico, estas não se fazem, mas também não há tanto inconveniente em que as raízes sejam superficiais, pois a evaporação é reduzida.

O tipo de adubo mais indicado para a cobertura é o nitrato de cálcio. Podem-se usar, também, o nitrato de amónio, que tem acção mais duradoura, ou o nitrato de sódio mas estes em horticultura, não tem vantagem especial.

A quantidade a distribuir varia com o tipo de cultura, sendo maior nas saladas e culturas de folhas em geral. Para as culturas de frutos deve-se usar menos, porque causa crescimento à custa da frutificação.

Pode-se tomar como um número base a aplicação de 30 g de nitrato por metro quadrado. Para culturas de folhas, pode-se atingir o dobro. No caso das flores, o excesso de azoto pode atrasar a floração e originar grande desenvolvimento das folhas em prejuízo delas.

Só a experiência adquirida no terreno em que se está a trabalhar, com as culturas e variedades escolhidas, permitirá atingir o máximo de eficiência na escolha das doses de cobertura. Não esquecer que, quando se estão a obter grandes produções, é preciso, às vezes, duplicar a quantidade de adubo para obter um aumento de produção de 10 ou 20%. Isso não vale a pena, por representar uma despesa inútil.

(Continua no próximo número)

Fão de antigamente



Ora aqui está uma fotografia que deve ter uns quarenta anos.

Em baixo: Raimundo, Ilídio (já falecido) e Adelino Cantoneiro.

Em cima: Quim Xiquita, Zé Sá Pereira e Chico Pombo (já falecido).

Biblioteca Municipal de Esposende

Programa de Animação

Fevereiro/96

HORA DO CONTO

Contos Dramatizados

Dia 14, Quarta-Feira - 10 horas; Dia 28, Quarta-Feira - 10 horas.

"A Vaca e o Burro" adaptação do conto "A Raposa das Botas Altas" de Maria Alberta Meneses.

Colaboração do Grupo de Teatro da Associação Desportiva e Cultural de Rio Tinto (Teresa e Elisabete).

AS IMAGENS ANIMADAS

Dia 7, Quarta-Feira - 10 horas.

"A Pequena Sereia: Viva a Harmonia", filme de animação. Walt Disney. Maiores de 4 anos, 44 min., falado em Português.

Dia 15, Quinta-Feira - 10 horas.

"O Regresso de Jafar", filme de Walt Disney. Maiores de 4 anos, 66 min., falado em Português. Auditório Municipal.

HORA LIVRE...!

Livros especialmente seleccionados para ler e brincar no espaço aconchegante da Hora do Conto.

- BIE -

BIBLIOTECA ITINERANTE ESCOLAR

1 - Infantil

Marcações para o mês de março.

2 - Primeiras Leituras

Marcações para Abril.

Festas do Senhor de Fão

A Comissão de Festas do Senhor Bom Jesus formada por algumas senhoras da terra já trabalha e já reuniu com a Confraria. Tem novos números na manga e um deles será a batalha de flores a realizar no dia 24 de Março. Passados oito dias, ou melhor, no dia 31 do mesmo mês, vai realizar-se uma feira das coisas que as várias freguesias costumam oferecer. E no dia 5 de Maio, portanto fora do ciclo das festas, mas ligada à festa do Senhor das Cruzes realizar-se-á uma procissão com o andor do Senhor Bom Jesus.

A Comissão das festas pensa deste modo terminar com chave de ouro o seu "reinado" de três anos.

Novo Dentista

O Hospital de Fão tem um novo dentista. Trata-se do Dr. Paulo Miller, casado com uma conterrânea nossa.

Trabalha às segundas à tarde e nas quartas todo o dia. Já começou no dia 5 deste mês.

Mais um melhoramento sem dúvida para o Hospital de Fão.

Agradecimento

A família de Maria Campos Costa (Branca) vem por este meio agradecer todas as manifestações de carinho e de solidariedade que lhe foram prestadas por ocasião do falecimento deste seu ente querido.

Entre nós

• Procedente da Bélgica, esteve entre nós, a passar uns dias de merecidas férias, o nosso

conterrâneo Luis Manuel Fonseca da Silva que se fazia acompanhar de sua esposa Alzira e também de uma cadelinha muito mimada que dá pelo nome de nina.

Que regressem breve são os nossos votos.

• Tivemos muito prazer em cumprimentar em Fão a nossa boa amiguinha Carmen Pedras da Silva que veio passar entre nós, vinda de França, alguns dias de férias, em companhia de seu marido.

Ao que nos revelou, dentro em breve, regressará definitivamente a este Fão sempre saudoso.

Do Brasil

Encontra-se a morar definitivamente em Fão, Idalina Salgado Torres que vivia habitualmente no Brasil. Como o nosso jornal noticiou, esta nossa conterrânea ficou viúva recentemente, o que a levou a optar definitivamente pela sua residência na terra natal.

António Barros Peixoto

A viúva, filhos, noras e netos agradecem as provas de amizade e carinho que lhes foram endereçadas aquando do falecimento e funeral deste seu ente querido e, na impossibilidade de individualmente o agradecer, vêm, por este meio, expressar a sua gratidão.

Doente

Há já bastantes dias que se encontra internada no Hospital de S. João, no Porto, a fangueira Maria América Pereira para recompletar a intervenção cirúrgica que há meses sofreu naquela casa de saúde.

Fazemos votos por um pronto restabelecimento.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST

 <p style="font-size: small;">ELEVADORES 2 COLUNAS</p>	 <p style="font-size: small;">LAVAGEM AUTOMÁTICA</p>	 <p style="font-size: small;">ELEVADORES 4 COLUNAS</p>
 <p style="font-size: small;">TESTE DE TRAVÕES</p>	 <p style="font-size: small;">LAVAGEM ALTA PRESSÃO</p>	

Visite as nossas Exposições



PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 63 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597208

A CULTURA QUE TEMOS

(Continuado da pág. 7)

Portugal tão carenciado dá-se ao luxo de perder milhões, sem qualquer rentabilidade e o povo trabalhador de Vila Nova de Foz-Côa pode ficar de barriga vazia, que isso não importa. As gravuras estão em primeiro lugar e todos os que discordarem são ignorantes.

Eu prefiro ficar do lado dos ignorantes, até porque já ouvi na Assembleia Nacional, classificar de ignorantes alguns deputados pela mesma razão. Sendo assim, já não estou só mas como cidadão não abduco de dizer o que penso.

Gostaria de ver consolidadas as duas coisas e entendo que com as tecnologias de hoje não seria difícil. Haja vontade política, até porque a construção da barragem no Sabor, já está a levantar protestos visto ser ali um santuário de algumas aves raras e também já há quem afirme que também ali há gravuras.

Todas as barragens tem os seus custos, sobretudo ambientais mas entendo ser um mal menor que temos que ignorar se não queremos ser uma sociedade de mendigos mais ou menos cultos.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

A DÁDIVA

*Ninguém diga que não tem
Nada, nada para dar;
Haverá no mundo alguém
Que ao menos não saiba amar?*

*Também tem um coração
Mesmo a vida mais singela;
E vale mais dar a mão:
Do que o que se dá com ela.*

*Ninguém vive de ar e vento
Mas nem só dinheiro é PÃO;
Há quem esbanje alimento,
E morre de solidão!...*

*Há quem esbanje alimento,
E morre de solidão!...
Será por não dar alento
Àquele que não tem PÃO?*

FLORINDA DE ALMEIDA

**Se és bairrista
utiliza o banco local**

**Se és bairrista
usa o Correio da terra**

**Se és bairrista
faz as compras em Fão**

DESPORTO

Últimos resultados:

Sezedelo, 3 - Fão, 1

Fão, 1 - Alvelos, 0

Martins, 2 - Fão, 2

Celoricense, 2 - Fão, 0

O C. F. de Fão ocupa actualmente o oitavo lugar.

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

**TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO
DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS**

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE - TELEF. (053) 961566

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios
será por conta do assinante.

Optica

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.da

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6
Tel. 75777 - Fax 71161 - 4700 BRAGA

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Todo dia choveu torrencialmente. Das coisas que tinha a fazer, só eu própria fiquei para trás. E isso é, também e ainda, uma pedra que fala.

Sou assim, sempre fui assim. Mas eu explico, muito em segredo: os outros, sempre os outros. Eu nem me lembro de mim...

Era manhã e chovia, chovia. Fui levantar dinheiro (acto que faço cada vez mais repetido), perdi-me no super-mercado (eu que não gosto das grandes superfícies), enchi de alegria uma velhinha (aí solidão, solidão) e quando, finalmente, tinha disponível uma nesga de tempo, disse não.

Meter-me num salão de cabeleireira é, para mim, penoso. Então que fiz à nesga de tempo? Deambulei por dentro de mim. Acho esse tempo bem aproveitado, é mais cá ao meu jeito.

Amanhã, darei umas fortes escovadelas no cabelo e, num qualquer destes dias, submeto-me ao sacrifício.

Ah! Também li jornais, coisa que, cá em casa, há sempre no plural.

Deus os fez, Deus os juntou – dizem os filhos e, se assim foi, está muito bem.

Choverá? O sol não aparecerá a dourar, ainda que só em breves pinceladas, este ar enregelado do ante-Marão?

É como esta crónica sem sal, sem o toque emotivo que lhe é peculiar. Culpa da chuva, Armando. Tem paciência ou, então, empresta-lhe tu o que lhe falta.

Qualquer coisa de talento, de saudade, de doçura. Um bocadinho dum nada que dê a quem me ler, um instante de amor.

Mas chove, chove, chove.

O amor? Eu não sei bem o que é. É, talvez, não desistir, continuar, como faço com a escrita destas crónicas.

Marcar presença também pode entrar no Amor. Ou, então, num bater de uma certa porta que, umas vezes se abre, outras... e a crónica é metida na caixa do correio.

Mas neste Fevereiro, em que tantos "Pereiras" nasceram eu não escrevi a crónica certa.

Coisas da inspiração

REMINISCÊNCIAS DE UM EMIGRANTE

Quantos Fangueiros restam no Rio de Janeiro?

Depois da volta do Carlos Cardoso para a "Vida Espiritual" começamos a pensar em quantos fangueiros ainda existem no Rio de Janeiro.

Para os naturais de Fão que têm hoje até 50 anos, posso afirmar que nenhum deles conhece os nomes que vou mencionar, e poucos ainda possuem raízes familiares, porque hoje a corrente de emigração tomou outros rumos.

O Carlos Cardoso fazia parte daquele grupo que conheci aqui em 1927, quando cheguei ao Rio com 9 anos, e que moravam na casa da minha tia Maria Faneca e proximidades ali no Bairro da Saúde, perto da Praça Mauá e S. Francisco da Praiinha, todos entre 17 e 25 anos. E eram muitos, e dentre eles, o Toneco, o António Pedrosa, o Aparácio, o João e Joaquim Carneiro, o João Calafate, o Lameque, o Sobral e seu irmão João, e mais, o António Cavaco, os irmãos 70, os irmãos Pintor, o David Machado, o Alberto Vicenta, o Zeca Paranho, o Álvaro Casanova, o António Dodão, Manoelzinho Reis, e os mais idosos que já aqui estavam na luta pela sobrevivência e de suas famílias em Portugal.

De todos os citados e dos que eram mais antigos, quase todos já passaram para a vida Espiritual, mas ainda vivem o António Pintor viúvo da Ana Martinha) com 96 anos, que é o mais velho, o Álvaro Casanova e sua mulher Júlia Dodão, com 88 e 84 respectivamente, o Alberto Vicenta, com 85 anos, e eu com 77, o mais novo. E como toda essa gente antiga já partiu, eu procurei saber daqueles que ainda vivem por aqui e que chegaram depois de 1945 até 1960, porque depois quase nenhum veio para o Brasil.

Antes, porém, vou começar pela família do casal Inácio e Ana Vicenta, que vieram em 1938 para Porto Alegre ao encontro do Inácio filho, com a Cremilda, a Iracema e o Benjamim agora

aqui no Rio. Procurei então as irmãs Teresa e Madalena Morgado, e com elas fomos lembrado aqueles que ainda pensam em Fão, e anotámos os nomes do Herdeiro e sua mulher Micas e filhos, a Bina Chita e filhos, a Amélia, mãe do Manuelzinho e filhas, as filhas da Candinha Reis, os filhos do João Quintas, as filhas do sr. Fontes, a Fátima vive em Fão o Álvaro (da Manoel Pedro) e seu irmão João, o Manuel Belo, da tia Abília sua mulher Alice e filhos, e o Alexandre, o Manuel Cantoneiro sua mulher Adelaide da Martinha e filhos e sua irmã Helena, o Avelino Reis Graça, o Rodrigo e o Edmundo já com 80 anos, a Ana Cardoso, viúva do Neca Pelica, o Maximino e sua mulher, a Julieta, viúva do Abel Torres, a Carmina Monteiro e seu filho Ascânio, as irmãs Gilda e Leda, a filha da Letinha, Maria Gracinda e seu irmão António, o Paralta, filho, a Rosinha Gageiro, o Jesus Viana, o Adriano Quintas, o Joaquim Chiquita, e talvez mais alguns que nos falhou a memória ou não tiveram convivência com os conterrâneos.

E em Niterói vivem também o Valdemar Viana e sua sobrinha Miloca. E para fechar este relato, soubemos que também ainda vive a senhora Vilachã, mãe, sogra do Quintino Pedrosa, com 96 anos, mas que com o seu génio especial nunca quis o convívio com seus conterrâneos. E com isto penso estar próximo da realidade dos fangueiros no Rio de Janeiro, e que em Fão poucos ainda conhecem, e com isso deixar registrado para o futuro, a existência de um sem número de pessoas, que por necessidade de sobrevivência tiveram que deixar a sua "Terra Natal", muitos dos quais não tiveram oportunidade de revê-la, mas que com certeza sempre a conservaram na lembrança e dentro do seu coração.

E a vida continua.

AMÂNDIO CARAMALHO

O FUTEBOL E A LEITURA

Por ARMANDO SARAIVA

A BOLA NO DESPORTO

Os jogos (da bola) tinham existido na época clássica, em Roma e na Grécia. Conheceram uma certa expansão quando Alexandre Magno os preferenciou. Surgiram depois vários tipos de campos naqueles dois territórios para o lançamento da bola. Um desses espaços, em Roma, era aquecido por um hipocausto (aquecimento subterrâneo) para a prática do desporto no Inverno. Havia um problema técnico que era o da produção de uma bola que fosse perfeitamente redonda e que saltasse bem. As bolas leves eram feitas de bexigas de porco ou de boi, cheias de ar, mas arrebentavam facilmente. As bolas mais pesadas eram preenchidas de cabelos ou penas.

As mais antigas que chegaram até aos nossos dias remontam ao tempo do Egipto Antigo. Três encontram-se no Museu Britânico.

Apresentam côr vermelha e amarela, e são feitas de pano, com colmo cortado e palha no interior. Parecem delicadas de mais para serem chutadas em jogos rudes. Devem ter sido concebidas para rolares ou serem lançadas à mão. Não conseguimos captar em documentos antigos ou em qualquer obra actual o essencial destes jogos. Presume-se que não eram violentos. Em outras regiões produziram-se bolas diferentes das que acabamos de referir, com invólucros de panos ou de peles que levavam, no interior, terra, grãos, fibras vegetais, casca de milho, cabelos ou penas. Deste tipo de bolas pode deduzir-se o que já afirmámos atrás: impróprias para jogos violentos. Na Idade Média usavam-se bolas rígidas, com invólucros de couro, cheias de aparas de cortiça ou de qualquer outro material leve. Durante a segunda viagem de

Colombo à América, os seus habitantes foram vistos a jogar com bolas feitas de goma de uma árvore que eram mais leves e saltavam melhor que as que se usavam na Europa. Os navegantes europeus puderam observar jogos de bola com mais de mil anos de história e uma longa tradição de encontros bastante violentos e até selvagens. Quase todas as cidades dos Maias e dos Aztecas possuíam um campo.

Na Europa e ao longo dos séculos os jogos da bola continuam a praticar-se sempre informais, turbulentos e variados. Temos notícias veiculadas através dos factos ligados à Revolução Francesa que os membros do Terceiro Estado se haviam reunido num campo onde se realizavam os jogos da pela. Todavia não nos foram cedidos informes sobre a natureza deste jogo.